

Obra é vigorosa e acima de idades: que já ingressou definitivamente no anos 2000. São Paulo, **Band: Órgão Informativo Oficial do Colégio Bandeirantes**, (39): 2, jan./fev./mar. 1999. Edição especial

Obs: Acervo do MAM

Gestos pausados de artesão, olhos claros, Hermelindo Fiaminghi está à vontade na mesa improvisada do seu ateliê, o andar térreo de um sobrado no Cambuci. E para começo de conversa, coloca sua arte no devido lugar: "Rompi com o concretismo. Meus quadros hoje são arte abstrata de enfoque concreto." Exemplifica a afirmação apontando uma série de quadros concretistas no alto da parede do ateliê e, em seguida, para obras mais recentes, reproduzidas em catálogo.

Aos 78 anos, Fiaminghi mostra um vigor incomum para quem sofreu dois enfartes. Dedicar-se agora a um projeto que poderia tirar o fôlego de muito artista jovem: uma série de 20 quadros (talvez o número final chegue a 25). O tema, enfoque concreto da arte abstrata, não pretende comemorar a vida do milênio ou do século. "Vai tratar da própria arte, direcionada pelo quadro em si." Este conjunto deverá ser exposto no ano que vem, "num museu daqui de São Paulo", desconversa Fiaminghi.

O artista não esconde os efeitos da crise econômica no seu cotidiano. Diz que "o mar não está para peixe". Mas esta situação concreta não é motivo de depressão ou para largar de lado os pincéis. "Faço tudo no meu ateliê. Aqui sou ajudante de marceneiro, marceneiro, armador de telas. Primeiro, levanto o chassi do futuro quadro (armação de madeira que sustenta a tela horizontal e verticalmente, com um reforço vertical no centro. Não confundir com moldura). Após aplicar a tela, fixando-a ao chassi, dou de dois a três dias para que 'descanse'. Assim percebo se há defeitos no esticamento", diz Fiaminghi. "Só depois é que aplico quatro camadas de demão, com produto que deixa a textura da tela a meu gosto. Se em qualquer etapa não estiver satisfeito, retomo tudo. Só depois de aprovada por mim é que a tela vai para o cavalete."

Como o investimento é grande, ele também recupera telas que, iniciadas, não o satisfazem. Um quadro ruim a menos, uma possibilidade de uma bela obra a mais. Fiaminghi conta que tem quadros expostos em acervos diversos como os da Pinacoteca do Estado, Masp, Museu de Arte Contemporânea da USP ou em museu de Zurique, na Suíça alemã. Esta continuidade de sucessos, porém, não o impede de relembrar claramente a venda de seu primeiro quadro. "Tinha 36 anos de idade e 18 de pintura. Na época, vivia da profissão de publicitário, tinha uma agência própria. Meu senso de organização me permitia tirar dias durante a semana apenas para pintar, no ateliê da rua Barão de Itapetininga. Os funcionários davam conta do recado." "Numa exposição de 1956, um quadro me provocou disputa no leilão, coisa que me provocou uma emoção surpreendente. Eram dois particulares e um diretor de museu, que acabou levando a obra. Ela é Elevação Vertical com Movimento Horizontal e foi pintada em 1955. Até hoje integra o acervo do Museu de Arte Contemporânea da USP".

Momentos felizes

Para Fiaminghi, a profissão de pintor proporciona vários momentos especiais, tanto artísticos quanto humanos. E lembra: "Um dos que guardo ainda hoje foi o Prêmio Panorama do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Era mais do que um prêmio, porque destacava o artista principal do ano, já que os participantes de todas as exposições do ano concorriam". Outro momento importante lembrado pelo artista é uma

fotografia. A de amigos como Geraldo de Barros, Ivo Zanini e Arcângelo Ianelli, sentados com ele, prontos para jantar.

Fiaminghi não esconde a surpresa ao ter recebido o convite, juntamente com Thomaz Ianelli e Emanuel Araújo, para ilustrar a agenda do Colégio Bandeirantes 99. Achou o resultado final importante e ficou igualmente impressionado com o tratamento que recebeu dos professores e da diretoria do Colégio. "Deve respeito a eles pela recepção que tive. E pelo tratamento que dispensaram ao Fiaminghi profissional: o Colégio comprou a produção das litografias e pagou a tiragem".

Um pouco de Fiaminghi

Nascido em São Paulo, em 1920, começou a trabalhar com artes gráficas em 1935, na Companhia Melhoramentos de São Paulo. Especializou-se em litografia artesanal por oito anos, profissão que exerceu nas principais gráficas da Capital. Em 39, pinta seu primeiro quadro. Uma paisagem do alto do Ipiranga. Entre 40 e 42, realizou diversos trabalhos em bairros como a Freguesia do Ó e Canindé. Ao iniciar-se em publicidade (Lintas, 1949), sai para desenhar tipos nas ruas, no Jardim da Luz e no Mercado Municipal.

É uma fase de desenhos e aquarelas: o carteiro, o operário, os barqueiros. No mesmo ano conhece Mercedes. Casa-se em 51. Têm quatro filhos: Maria Lydia, Hermes Augusto, José Ricardo e Luiz Henrique.

Em 55, expõe pela primeira vez na Bienal de São Paulo. Enviou três trabalhos, dois deles aceitos. Integrante do movimento concreto paulista, colabora com poetas concretos, como Décio Pignatari, na programação gráfica de seus poemas. Daí resultou a diagramação do livro de poesia de Mário da Silva Brito, Prêmio Jabuti de 62. Citado em dezenas de artigos jornalísticos, críticas e resenhas e verbete de dicionários e enciclopédias de artes plásticas, Hermelindo Fiaminghi foi tema, igualmente, de monografias e livros que abordam sua extensa produção artística.

Uma das principais homenagens que recebeu foi a edição, pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, intitulada "Fiaminghi - Décadas 50-6-70", uma ampla retrospectiva da obra do autor. A publicação é de 1980. Mas nem por isso significa que sua arte tenha rareado, a partir desta "compilação". "Ao contrário. Expus mais nestes 18 anos do que em todos os anos anteriores de minha carreira", sorri.

→ significa esse período

